

A HISTÓRIA ORAL COMO FONTE DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE DUQUE DE CAXIAS

ORAL HISTORY AS A SOURCE OF RESEARCH IN EDUCATION IN THE MUNICIPALITY OF DUQUE DE CAXIAS

Márcia Spadetti Tuão da Costa^A

 <https://orcid.org/0000-0003-0457-4039>

Marluce Souza de Andrade^B

 <https://orcid.org/0000-0002-4425-2889>

Renata Spadetti Tuão^C

 <https://orcid.org/0000-0002-4662-4164>

Thays Rosalin de Araújo^D

 <https://orcid.org/0000-0002-0347-8320>

Correspondência: centrodememoriadaeducacao@gmail.com

A, B, C, D Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias e Baixada Fluminense (CEPEMHed), Duque de Caxias - Rio de Janeiro, Brasil

DOI: 10.12957/cdf.2024.87255

Recebido em: 13 set. 2024 | **Aceito em:** 18 out. 2024.

RESUMO

Este artigo se configura em um recorte do projeto de pesquisa desenvolvido pelo Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias e Baixada Fluminense (CEPEMHed) que objetiva compreender os percursos educativos do município de Duque de Caxias. Parte-se da compreensão da História Oral como fonte de pesquisa propondo-se a recuperar elementos que não podem ser encontrados em documentos de outra natureza (Alberti, 2005). O referencial teórico se apoia em Thompson (2001) no que tange a noção de experiência e em Pollak (1989) no estudo sobre memória. Procura-se analisar entrevistas semiestruturadas concentradas na categoria de História Oral temática (Meihy, 2002) com indivíduos que fizeram parte de Centros Pró-melhoramentos apontando-os como responsáveis pela implementação de duas instituições escolares na comunidade da Vila Operária e no bairro de Jardim Primavera, na década de 1960.

Palavras-chave: história oral como fonte na pesquisa em educação; instituições educativas; Duque de Caxias; instituições escolares; memória da educação.

ABSTRACT

This article is part of a research project developed by the Centro de Pesquisa, Memória e História de la Educação da Cidade de Duque de Caxias e Baixada Fluminense (CEPEMHed) which aims to understand the educational pathways in the municipality of Duque de Caxias. It starts from the understanding of Oral History as a source of



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons BY 4.0, que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.

research proposing to recover elements that cannot be found in documents of another nature (Alberti, 2005). The theoretical framework is based on Thompson (2001) regarding the notion of experience and on Pollk (1989) in the study of memory. It seeks to analyze semi-structured interviews concentrated in the category of thematic Oral History (Meihy, 2002) with individuals who were part of Pró-Improvements Centers, pointing them as responsible for the implementation of two educational institutions in the community of Vila Operária and in the neighborhood of Jardim Primavera, in the 1960s.

Keywords: oral history as a source in education research; Educational Institutions; Duque de Caxias; school institutions; education memory.

1 INTRODUÇÃO

A cidade de Duque de Caxias encontra-se localizada no Estado do Rio de Janeiro cerca de 30 km de distância da capital. Sua constituição enquanto município se deu no ano de 1943 demarcando a separação de Iguaçu. A importância histórica da localidade atravessa diferentes temporalidades que vão configurando-a como lugar de passagem e, posteriormente, lugar de acolhida dos trabalhadores imigrantes em busca de trabalho nas indústrias. Mesmo antes do direito à educação ser regulamentado constitucionalmente, Duque de Caxias contava com a luta de trabalhadores/moradores no que tange a construção e a manutenção de escolas localizadas em diferentes bairros da cidade, proporcionando meios de seus filhos acessarem a educação como possibilidade de ascensão social.

Esse elemento constitutivo da História da Educação da cidade, no entanto, somente foi possível emergir a partir do uso da História Oral como fonte de pesquisa. Pode-se apontar duas questões que levaram ao seu apagamento: a primeira, a escolha em produzir registros históricos da educação a partir de uma perspectiva positivista; e a segunda, a falta de políticas públicas voltadas para a salvaguarda de documentos da educação. Os poucos registros oficiais sobre a História da Educação da cidade preocupam-se, muitas vezes, em demonstrar sob quais governos as instituições educativas foram criadas via legislação, em direcionar o foco para a personalidade que dá nome à escola e em apontar as premiações nas quais a unidade escolar participou. Sem contar que o município não conta com um Arquivo Público capaz de reunir os documentos da administração escolar pública.

Esse artigo pretende levantar alguns apontamentos sobre o uso da História Oral como fonte para o registro da História da Educação no município de Duque de Caxias.

Convém demarcar que a organização da memória em função dos acontecimentos pessoais e políticos do momento a transforma em um fenômeno construído (Pollak, 1989). O que a memória grava, exclui e relembra torna-se, portanto, o resultado de um verdadeiro trabalho de organização (Pollak, 1989). Entende-se que o trabalho de enquadramento da memória, Pollak (1989) destaca a disputa de grupos sociais pela formação da “memória nacional”. O que se esquece também deve ser considerado, sobretudo quando se pensa a memória coletiva de acordo com Thompson (1992) e constituída a partir da experiência de classe (Thompson, 2001).

Para tanto, parte-se da análise de entrevistas concedidas ao Centro de Pesquisa Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias e Baixada Fluminense (CEPEMHED)¹ no âmbito dos seus projetos Roda de Memórias. História Oral da Educação: depoimentos em vídeo² e o Projeto Núcleo de Memórias. História das Instituições Educativas³. A perspectiva adotada pelo CEPEMHED se volta para a escuta dos diferentes agentes históricos, priorizando aqueles cujas memórias são historicamente silenciadas: moradores do bairro, merendeiras, diretores, professores e demais profissionais da educação, que cotidianamente estiveram envolvidos com a escola, mas que raramente, são considerados, ao falar de sua história. O depoimento desses sujeitos compõe um banco de história oral, disponível para consulta de pesquisadores interessados na História da Educação da cidade. Nesse artigo, procura-se ainda entrecruzar as fontes orais com as escritas como a legislação municipal, os relatórios dos Centro Pró-melhoramentos e as fichas de identificação das unidades escolares, assim como fontes imagéticas – as fotografias e os documentos escolares digitalizados.

O artigo apresenta alguns aspectos sobre o uso da História Oral como fonte nas pesquisas em Educação na interlocução com os teóricos que sustentam o desenvolvimento do trabalho do CEPEMHED ao longo dos anos. Em seguida, analisam-se as fontes orais referentes à construção de duas instituições escolares de Duque de

¹O CEPEMHED há dezenove anos vem se consolidando com o trabalho de preservação e de difusão da História da Educação da cidade de Duque de Caxias e Baixada Fluminense. Seu trabalho se apoia em três eixos fundamentais: a pesquisa, a formação e o arquivo. Procura-se compreender os diferentes percursos educativos da cidade, levando em consideração os sujeitos e os processos de construção da educação na totalidade, relacionando a história local ao contexto nacional (CEPEMHED, 2023a).

²O projeto Roda de Memórias. História Oral da Educação: depoimentos em vídeo registra os depoimentos de pessoas envolvidas na Educação (1950-1990) constitui o acervo documental imagético e midiático de História Oral da Educação de Duque de Caxias (CEPEMHED, 2023b).

³O Projeto Núcleo de Memórias. História das Instituições Educativas visa incentivar e assessorar a comunidade escolar na pesquisa da história da respectiva instituição com vistas à organização do seu próprio espaço museal, valorizando, desta forma, as memórias dos sujeitos escolares, da instituição e da comunidade do seu entorno. (CEPEMHED, 2023c).

Caxias – Escola Municipal Vila Operária e Escola Municipal Anton Dworsak – localizadas em distritos e bairros diferentes no município, mas que possuem similaridades no seu percurso institucional. Por último, são apresentadas algumas considerações finais sobre a importância da História Oral como fonte na pesquisa em Educação a partir da experiência de trabalhadores.

2 ALGUNS ASPECTOS DA HISTÓRIA ORAL COMO FONTE NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO

De acordo com Thompson (1992), a história oral desenvolveu-se em países da Europa Ocidental e nos Estados Unidos da América, no início do século XX, como forma de preservação da memória de tribos que não tinham a escrita como elemento de registro. Para o registro dos acontecimentos produzidos pelas sociedades onde a escrita encontrava-se desenvolvida, a história oral, enquanto técnica de produção de documentos, esbarrava nas questões relativas à objetividade científica e a métodos de pesquisa de caráter quantitativo desenvolvidos pelos serviços de estatística.

Pode-se apontar que a partir da redemocratização, no Brasil, as fontes orais têm se constituído como um importante recurso para o desenvolvimento das pesquisas em diferentes áreas do conhecimento, sobretudo nas áreas de história e das ciências sociais (Meihy, 2002). Alberti (2004) destaca que a consolidação da história oral como metodologia de pesquisa tem suas bases na mudança de paradigmas do trabalho científico que passaram a atribuir importância à subjetividade e à experiência individual para a compreensão do passado recente. O uso da História Oral como fonte tem como proposta a relação entre reflexão teórica, trabalho empírico e o campo na produção de conhecimentos científicos, ao procurar ampliar as fontes que o pesquisador tem a sua disposição “para produzir conhecimentos históricos sobre realidades nem sempre valorizadas ou problematizadas até o presente momento” (Quadro; Castanha, 2017, p. 32). No campo da Educação, o pesquisador se depara, ainda, com a inexistência de arquivos organizados para a consulta, sobretudo quando, na localidade, não se desenvolveu políticas públicas que entendam a Educação enquanto um patrimônio histórico-educativo da sociedade.

No desenvolvimento das pesquisas, é necessário ter atenção sobre o aspecto subjetivo da memória. De acordo com Alberti (2004), a dimensão subjetiva da memória

deve ser entendida como um processo de recuperação do vivido, concebido por aqueles que viveram o acontecimento. Partindo da premissa de que o vivido é lembrado de forma diferente por cada sujeito, entende-se que a produção do documento da história oral permite recuperar o que não pode ser encontrado em documentos de outra natureza. Dessa forma, a importância do registro da história oral não se concentra somente na veracidade de um acontecimento, ele se amplia para a forma como é lembrado e a captação da coletividade através da narrativa (Thompson, 1992).

Parte-se do entendimento de que as fontes orais são recursos importantes no processo de investigação, sobretudo ao assumir função complementar aos documentos escritos. Constituem-se como “um recurso que complementa outras fontes de dados e, muitas vezes, responde questionamentos e preenche lacunas apresentadas nos documentos escritos” (Costa, 2019, p. 28.082). Pode, ainda, ser utilizada como um elemento motivador de determinada investigação ao apresentar informações iniciais sobre um acontecimento histórico ou como um elemento indicador de caminhos possíveis para a pesquisa em torno dos processos sociais escritos já que cada indivíduo ao pensar o vivido pode configurar diferentes percepções de um determinado acontecimento (Alberti, 2005).

Como uma fonte produzida, concorda-se com Nacif (2008) sobre a função social que essa atribui à pesquisa ao mesmo tempo em que impele a prática da preservação da memória. A opção pela História Oral como fonte de pesquisa em História da Educação amplia os conhecimentos científicos ao considerar os “de baixo” (Thompson, 2001), que se desenvolve diante da análise do percurso de enquadramento e de seletividade da memória de seus sujeitos, permitir a identificação dos processos de construção, desconstrução e reconstrução das memórias coletivas, segundo Pollak (1989), a partir das experiências de classe (Thompson, 2001). Assim, a entrevista permite recuperar aquilo que não se encontra “em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares etc.” (Alberti, 2004, p. 30), como também, situações em que os registros documentais se perderam ao longo do tempo.

Alberti (1990) esclarece que não se pode mais considerar um fator negativo as falhas na memória do depoente ou os possíveis erros que podem aparecer em contraposição aos documentos oficiais. Isso porque, de acordo com Alberti (2005), o importante para o uso das fontes orais é “incluir tais ocorrências em uma reflexão mais ampla, perguntando-se por que razão o entrevistado concebe o passado de uma forma e

não de outra e por que razão e em que medida a sua concepção difere (ou não) das de outros depoentes” (Alberti, 2004, p. 03). O uso das fontes orais, ainda, distancia-se da teoria positivista ao entender a entrevista como um documento que estabelece “relações entre o geral e o particular mediante a análise comparativa de diferentes testemunhos, e de tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações” (Alberti, 2004, p. 26).

É importante destacar que as entrevistas de História Oral são resíduos de uma “ação específica” de interpretação do passado. Conforme adverte Alberti (2004) quando especifica que as fontes orais são um “resíduo de ação” e não somente “relato de ações passadas”, por considerar que as entrevistas documentam ações de constituição de memórias, uma vez que compreendem tanto o entrevistado quanto o entrevistador que, ao construir o passado de uma forma e não de outra, desencadeiam ações específicas sobre a memória.

As fontes orais ao serem identificadas enquanto documentos precisam, ainda, passar pelos processos de desestruturação e desmonte indicados por Le Goff (1990) na análise do documento histórico. Propõe-se, portanto, a concepção da História Oral como fonte histórica a partir da categoria de mediação, entendendo-a como uma produção social cujo conhecimento não se limita à aparência do lembrado. Implica um trabalho de contextualização do rememorado, do acontecimento, dos sujeitos retratados e das relações que estabelecem na totalidade social a que pertencem. Entende-se que o objeto singular é visto a partir de sua gênese nos processos sociais mais amplos, partindo das memórias que surgem no relato, em direção às mediações que a constituem.

A pesquisa com História Oral demanda, dessa forma, a realização de um conjunto de entrevistas que funcionem como uma amostragem significativa pelas quais elementos essenciais do acontecimento em análise possam se encontrar presentes nas diferentes experiências rememoradas. Demanda, também, a investigação sobre os processos de construção da memória, uma vez que o registro oral revela fragmentos da realidade, a partir da experiência do depoente. Ao indagar os relatos, busca-se superar uma visão fragmentada, identificam-se os interesses dos grupos sociais que a produziu e se revela a conjuntura na qual esse registro foi elaborado.

O uso das fontes orais na história da educação possibilita relacionar as especificidades da atividade corrente da escola com suas características estruturais e seus aspectos históricos localizados no tempo e no espaço. Analisar as memórias dos trabalhadores de determinada instituição escolar – seja através da docência ou como

trabalhadores/moradores dos arredores na luta pelo direito à educação de seus descendentes – pode apontar o contexto da docência, das práticas educativas que atravessam a cultura escolar, como também, as ligações políticas estabelecidas, os condicionantes sociais que a conformam como mediadora no processo de reprodução ou de emancipação. Entende-se, neste artigo, que a História Oral pode trazer contribuições importantes para a construção do conhecimento científico. Algumas vezes, pode-se configurar como o único método a disposição do pesquisador para recuperar ou investigar acontecimentos ainda não documentados. Por vezes, pode ajudar no trabalho de desvelamento de outras faces de uma realidade complexa ainda desconhecidas. Na próxima seção, procura-se apresentar os resultados preliminares da pesquisa sobre os processos educativos na cidade de Duque de Caxias desenvolvida pela equipe do CEPEMHed.

3 MEMÓRIAS SUBTERRÂNEAS⁴ E ASPECTOS DE CONSTITUIÇÃO DE DUAS ESCOLAS EM DUQUE DE CAXIAS

Desde 2005, o CEPEMHed tem reunido documentos que compõem o acervo documental imagético e midiático da educação no município uma vez que não há arquivo público na cidade. Através do Projeto Rodas de Memórias. História Oral da Educação de Duque de Caxias foi possível consolidar o Banco de História Oral do CEPEMHed com duzentos e oito horas e vinte e sete minutos e sete segundos de entrevistas semi-estruturadas e temáticas.

O trabalho com a História Oral tem possibilitado “o encontro físico com documentos, objetos, álbuns e pertences que nos são apresentados, pois muitos estão guardados na casa dos depoentes” (Thompson, 1992, p. 22). A constituição desse Banco de História Oral do CEPEMHed tem possibilitado mitigar a dificuldade em encontrar documentos que pudessem servir de fontes para a pesquisa em educação, como também, concentrar no espaço público documentos até, então, dispersos nas casas de particulares. Esse desafio tem sido enfrentado pelo CEPEMHed ao longo dos anos, já que a lei que instituiu um Arquivo Público Municipal continua sendo letra morta pelo fato de não ter se materializado.

⁴As memórias subterrâneas estão relacionadas aos sujeitos anônimos, que “prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio”, aguardando a oportunidade de saírem da invisibilidade e serem reconhecidas como legítimas (Pollak, 1989, p. 4-9).

A utilização das fontes orais se realiza por meio da modalidade de História Oral temática, de acordo com Meihy (2002), por ser a que mais se aproxima com a busca de esclarecimentos ou de apontamentos sobre possibilidades de registro ainda não mencionadas nos documentos oficiais. Parte-se, portanto, de um assunto específico e pré-estabelecido, pretendendo que o entrevistado apresente alguma versão de um acontecimento que seja discutível ou contestatória. Nessa modalidade, o entrevistador possui um papel ativo no decorrer da entrevista, inclusive no que tange à contestação do que o entrevistado apresenta em seu relato. Os detalhes da vida pessoal do entrevistado são interessantes por demonstrarem aspectos que podem ser úteis para a compreensão da temática central. Acrescenta-se a isso o fato de permitir o diálogo com outros documentos e outras fontes de coleta. Os relatos se encontram organizados em eixos temáticos que subsidiam o projeto de pesquisa desenvolvido pela instituição.

Nesse artigo, foram selecionadas duas entrevistas do Banco de História Oral do CEPEMHed a partir do projeto de pesquisa sobre instituições educativas do município de Duque de Caxias elaborada pela instituição. Essas entrevistas foram produtos da realização do Projeto Núcleo de Memórias. História das Instituições Educativas que corresponde a uma atividade com a comunidade escolar com o objetivo de contribuir com ações para o desenvolvimento de pesquisa sobre a escola que consiste no

recolhimento de documentos impressos, iconográficos e tridimensionais, com vistas à organização do seu próprio espaço museal, valorizando, desta forma, as memórias dos sujeitos escolares, da instituição e da comunidade em que está inserida. O projeto se propõe, ainda, a contribuir para a organização e preservação do arquivo histórico escolar (Nunes *et al.*, 2022, p. 05).

Essas entrevistas selecionadas foram realizadas com trabalhadores/moradores dos arredores da Escola Municipal Vila Operária⁵ e da Escola Municipal Anton Dworsak⁶.

Ambas as escolas estão situadas no município de Duque de Caxias. A luta dos trabalhadores/moradores pelo direito à educação dos seus filhos tem sido um aspecto

⁵Em 2014, a entrevista foi realizada na Escola Municipal Vila Operária. Compareceram as professoras da Unidade Escolar, os integrantes da comunidade escolar e a equipe do CEPEMHed que totalizaram vinte e uma pessoas presentes, além da entrevistada. Essa atividade escolar em que aconteceu a entrevista é chamada de Grupo de Estudos.

⁶Em 2022, a entrevista se deu na Escola Municipal Anton Dworsak. Foram entrevistados – Anton Dworsak, Danilo Dworsak, Ferdinand Dworsak e Peter Dworsak, filhos do patrono da escola. Compareceram, ainda, parte da equipe do CEPEMHed, uma representante do consulado Iugoslavo, a esposa de um dos filhos, a diretora, a vice-diretora e a orientadora pedagógica da escola.

comum na cidade de Duque de Caxias⁷ quanto à constituição dos processos educativos no território. A ampliação da urbanização do território associado à instituição de indústrias e rodovias, possibilitaram o aumento econômico marcado pela industrialização, como também, a proximidade ao município do Rio de Janeiro contribuiu para a ocupação do território.

A escola que recebeu o nome do local onde se estabeleceu – Vila Operária – conforme aponta Ferreira (2011), era uma área de ocupação desordenada com componentes de urbanização marcados pelas três esferas da ação governamental através da tensão exercida pelos trabalhadores/moradores regulados pelas demandas básicas de subsistência no início. Percebe-se a ausência de serviços básicos, uma vez que a energia elétrica passou a ser fornecida para as casas dos moradores/trabalhadores no final da década de 1970, da mesma forma, aconteceu com o fornecimento dos serviços de água e de esgoto através da atuação dos moradores/trabalhadores organizados em mutirão na década de 1980.

Diante dessas dificuldades quanto ao acesso aos serviços básicos de subsistência e à falta de políticas públicas para o atendimento dessas necessidades, os trabalhadores/moradores constituíram os Centros Pró-Melhoramentos em diferentes bairros no município. Eram grupos de trabalhadores/moradores que buscavam resoluções para as dificuldades provenientes do processo de urbanização. Esses Centros elaboravam estatutos de institucionalização, planos contábeis, como também, organização de reuniões contínuas para deliberações e para encaminhamento das propostas. As ações mais relevantes empreendidas para essa coordenação das ações dos trabalhadores/moradores em prol da busca da materialidade desses direitos básicos de sobrevivência versavam em torno de trabalho voluntário da população local, de acordo com políticos locais (do legislativo e do executivo), de arrecadação financeira no comércio local e com os próprios moradores.

A Educação, entendida como expressão possível de mobilidade social, naquela conjuntura, passou a se configurar como pauta de luta dos trabalhadores/moradores da região em torno do direito à educação. Entende-se, nesse artigo, que o trabalho dessa associação estava vinculado à esfera da luta por direitos básicos de sobrevivência, para tanto, o caminho encontrado pelos trabalhadores/moradores, na maioria das vezes, foi a busca pela intervenção do governo municipal na localidade, o que ocorria pela

⁷A emancipação de Duque de Caxias foi em 31 de dezembro de 1943 através do Decreto nº 1.055.

mobilização da população da região e pela aliança com políticos da cidade. Ferreira (2010) identifica a atuação do Centro Pró-Melhoramentos da Vila Operária como uma ação social de viés clientelista, uma vez que havia a utilização partidária do poder público com políticas focalizadas nas necessidades de sobrevivência cuja comunidade se mobilizava para alcançar.

Para entender como se deu a participação do Centro Pró-Melhoramentos da Vila Operária no processo de criação da Escola Municipal Vila Operária, o CEPEMHED através do Projeto Núcleo de Memórias das Instituições Educativas realizou uma entrevista semiestruturada, com moradores que participaram do Centro Pró-Melhoramentos entre 1959 e 1964. Na ocasião, foram recolhidos documentos iconográficos que estavam sob os cuidados dos moradores.

A entrevista analisada nesse artigo foi realizada com a moradora Djanira Lopes dos Santos, no ano de 2014. Reafirma que, a organização dos trabalhadores/moradores foi criada em 18 de abril de 1959, assim como foi apontado nos relatórios produzidos pela unidade escolar, com o nome de Centro Pró-Melhoramentos do Parque Felicidade (CPMPF), atual comunidade da Vila Operária. Santos (2014) salienta que a organização foi iniciada a partir da contribuição dos associados⁸ – moradores do bairro – e aponta José de Jesus como o fundador do Centro Pró-Melhoramentos e João Correia Costa como o responsável pela construção do alicerce que deu origem às instalações da escola, inicialmente chamada Centro Pró-Melhoramentos Parque Felicidade, atual Escola Municipal Vila Operária. Ferreira (2010) fala da liderança de José de Jesus na organização da Associação e na ocupação da localidade em aliança com Tenório Cavalcanti⁹. Somente no ano de 1961, o Centro Pró-Melhoramentos foi reconhecido legalmente como organização de utilidade pública por meio da deliberação municipal nº157, de 13 de março de 1961.

O CPMPF organizava mutirões em suas reuniões mensais com o objetivo de criar condições de subsistência na localidade. Esses mutirões aconteciam da seguinte forma “as mulheres faziam a comida – café, lanche, angu ou sopão – enquanto os homens

⁸Entende-se, neste artigo, como associados, os trabalhadores/moradores da localidade do Parque Felicidade, atual comunidade da Vila Operária.

⁹Tenório Cavalcanti. Político emblemático na História de Duque de Caxias por praticar ações populistas de concessões de benefícios ao seu eleitorado. Foi vereador do município, deputado estadual e federal pelo Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www18.fgv.br/cpdac/acervo/dicionarios/verbete-biografico/cavalcanti-tenorio>. Acesso em: 01 ago. 2024.

Fonte: <https://www.camara.leg.br/deputados/131076/biografia>.

Fonte: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/tenorio-cavalcanti-comandou-imperio-do-terror-na-baixada-fluminense-10614288>

trabalhavam na construção”, segundo Ferreira (2014, p. 4). O relato da entrevistada (2014) acrescentou que nessa etapa da construção da escola, a contribuição das mulheres foi além do trabalho de cozinhar as refeições, elas foram responsáveis pela arrecadação de tijolos nas olarias da região e pelo trabalho de construção

aqui na escola, nós trabalhamos, essas guerreiras [aponta para amigas ao redor], junto com um grupo de senhoras que faz parte do Conselho, Dona Neide e o esposo dela que era tesoureiro geral e através dele, nós conseguimos um grupo para fazer a campanha do tijolo nas olarias para conseguir tijolo para construir a escola. Então, conseguimos os tijolos com muita oração e esforço. A mão-de-obra dos nossos operários que residiam, trabalhavam em volta da escola e éramos nós que ajudávamos a virar massa para a construção da escola. Ajudar a eles a levantar a escola. Quando foi feita essa primeira sala aqui (Santos, 2014, p. 3).

A inauguração da escola aconteceu em 31 de março de 1963 (CEPEMHed, 2003, VO_14.2.1). Nos primeiros anos de funcionamento, a escola atendia turmas da 1ª à 3ª série, obtendo maior número de alunos matriculados na 1ª série que tinha como centralidade a alfabetização (CEPEMHed, 1971, VO_19.2). No ano de 1971, a escola chegou a oferecer ensino supletivo voltado para a 1ª, 3ª e 4ª série (CEPEMHed, 1971, VO_19.9). Segundo o relatório (1971), no ano de 1967 a escola chegou a contar com cerca de cinquenta alunos matriculados.

Figura 1 – Prédio da Escola Municipal Vila Operária.



Fonte: Década de 1960.

Fachada da Escola Municipal Vila Operária e do Centro Pró-Melhoramentos do Parque Felicidade. Acervo SSAGP digitalizado pelo CEPEMHed.

Embora essa fotografia não apresente nitidez na sua imagem, torna-se importante destacar a precariedade e o quanto essa produção era dispendiosa a ponto de impedir que a classe trabalhadora tivesse acesso a esse material. É possível identificar, ainda, o prédio que foi construído pelo Centro Pró-Melhoramentos do Parque Felicidade que servia para as reuniões organizativas, como também, abrigava a Escola Municipal Vila Operária. Era uma construção simples e ligada ao prédio do CPMPF.

Quanto à Escola Municipal Anton Dworsak, a construção do prédio foi feita pelos moradores/trabalhadores dos bairros – Vila Maria Helena e Jardim Primavera – localizados no segundo distrito do município. Em 27 de dezembro de 1945, Nelson Silveira Cintra¹⁰ adquiriu uma área territorial correspondente ao bairro de Jardim Primavera que se transformou em quatrocentos e um lotes vendidos à prestação, posteriormente. A maioria dos compradores desses lotes eram imigrantes europeus (Santana, 2010).

A organização do Centro Pró-Melhoramentos dos bairros de Vila Maria Helena e Jardim Primavera foi motivada pela necessidade de uma escola pública para os filhos dos trabalhadores/moradores dos bairros. Os bairros Vila Maria Helena e Jardim Primavera possuíam muitas escolas privadas – segundo documentos da Inspeção Escolar e fontes orais – e poucas escolas públicas, o que dificultava o acesso dos filhos dos trabalhadores à educação. Para entender como se deu a participação do Centro Pró-Melhoramentos no processo de criação da Escola Municipal Anton Dworsak, o CEPEMHed através do Projeto Núcleo de Memórias das Instituições Educativas realizou uma entrevista semiestruturada, no ano de 2022, com os filhos do Anton Dworsak, morador que criou o Centro Pró-melhoramentos, cuja instituição escolar recebeu seu nome. A participação de Anton Dworsak na criação do Centro Pró-melhoramentos foi lembrada por Peter Dvorsak *et alii*. (2022) e expressa esse movimento quando relata que

essa região toda não tinha escola, não. Isso aí, meu pai se sentia mal, assim. Ele falava assim, “tem que fazer alguma coisa”. Não é possível que as pessoas vão crescer analfabetas. Realmente, de 1950 até 1960, 40% da população brasileira era analfabeta. Era muita gente, era muito analfabeto. Então, o que aconteceu? Ele falou assim, “Bom, tem que fazer alguma coisa”. Ele começou a conversar com um vizinho, que tinha um vizinho, “Vamos tentar ver se a gente faz alguma coisa. Vamos ver se a Prefeitura tem algum lugar, vamos fazer um mutirão, vamos fazer uma escola.” (Dvorsak *et alii*., 2022, p. 11).

¹⁰Segundo Santana (2010), promoveu a infraestrutura inicial do bairro de Jardim Primavera como uma “área nobre”, próximo à Serra de Petrópolis para ser “refúgio das elites”. Ele foi músico, professor de música e corretor de imóveis.

Foi lembrado pelos filhos de Anton Dworsak que o pai – imigrante da Iugoslávia – tinha a comunicação como um fator dificultador no processo de arrecadação de diferentes contribuições para a construção do prédio da escola. Segundo Dworsak *et alii.* (2022), ainda, José Barbosa (morador/trabalhador do local) foi apontado por ter contato próximo com pessoas ligadas à Prefeitura de Duque de Caxias. Dessa forma, Anton Dworsak acionou José Barbosa e organizou com ele a possibilidade para conseguir a autorização do poder público para a construção da escola, identificando-os da seguinte forma:

o principal líder para formar o mutirão de pessoas, era o Seu Barbosa e meu pai, a gente ia. Eles iam de casa em casa. Batia lá. Dava a ideia para o morador. “Olha, aqui,” contava a história, a questão que não tinha escola. “Vamos tentar fazer um mutirão para fazer uma escola.” Mas, como? “Oh, a Prefeitura já cedeu o terreno.” Ia de casa em casa, ia. Algumas vezes, eu cheguei a ir junto com eles. Eu rodava, [bate as palmas], maior tempão (Dvorsak *et alii.*, 2022, p. 10).

Após conseguir a doação do terreno, iniciou-se a estratégia seguinte que foi a arrecadação de materiais e arregimentação de pessoas para trabalho voluntário em mutirões nos finais de semana. Segundo o relato de Dworsak *et alii.* (2022), após um ano de trabalho intenso, especificamente, em 23 de dezembro de 1963, o terreno da escola foi doado ao Centro Pró-Melhoramentos dos bairros de Vila Maria Helena e Jardim Primavera, em documento legal, pelo prefeito da época – Joaquim Tenório. Dworsak *et alii.* (2022) anunciam, também, que:

Peter: [...] as pessoas que tinham mais um recurso, davam recurso para comprar areia, cimento e as que não tinham recurso, as pessoas mais pobres, incentivavam que viessem trabalhar sábado e domingo aqui e todo final de semana, durante quase um ano, mais de um ano. Vinha uma turma de umas dez, doze pessoas trabalhar. O recurso que ele recolhia comprava o material. Ele mesmo comprava. Também, com o recurso dele, comprava material. Ele foi até a delegacia de polícia aqui e o policial deu um dinheiro, contribuiu.

Ferdinand: Ele foi em Xerém.

Peter: E o delegado de Xerém.

Ferdinand: Também, contribuiu.

Peter: Contribuiu com recurso para comprar material. A grande festa que ele fez no dia de colocação da laje. No dia de colocação da laje, porque tinha que ter muita gente. Você tinha que tirar a massa para botar a laje. Olha, a massa era virada na rua. Aquela massa imensa de cimento, pedra.

Ferdinand: Várias pessoas [risos].

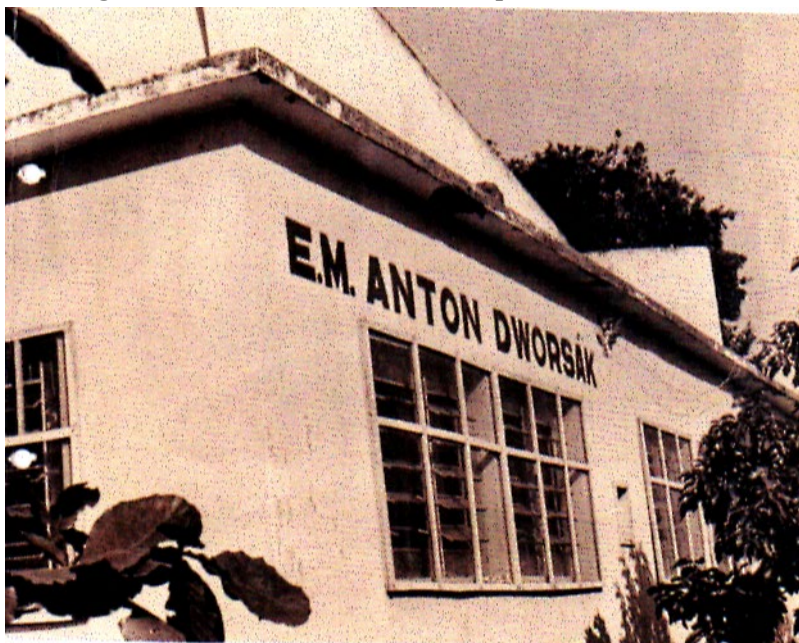
Peter: Levando para cima da laje. Aquela força [fazendo gesto com as mãos como se estivesse puxando a corda].

Entrevistadora: Ele deu a festa para atrair as pessoas.

Peter: No dia de fazer a laje, precisa de muita gente, porque ela tem que ser feita num dia só. Tem que forrar no dia e fechar [gesto com a mão como se espalhasse algo]. A laje, a gente precisa pegar gente, muita gente para trabalhar. (Dvorsak *et alii.*, 2022, p. 11).

Na interlocução dos filhos de Dworsak, apresentaram, ainda, o fato de que eles durante a semana, ao chegar da escola, amarravam os vergalhões quando estavam no momento de preparação para colocação da laje já que os demais trabalhadores/moradores estavam em seus trabalhos remunerados, para cumprir essa outra tarefa de construção da escola no final de semana (Dvorsak *et alii.*, 2022). De acordo com a Ficha de Informações das Unidades escolares produzida, aproximadamente, na década de 1970, a escola iniciou o atendimento às crianças do bairro contando com duas salas de aula, uma secretaria e uma biblioteca. No ano de 1963 foi construída mais uma sala de aula e uma cozinha; em 1964, foram adaptadas duas salas de aula com divisões de madeira, a partir de subsídio enviado pela prefeitura municipal e pelo governo do Estado; e em 1973, foi construído um muro interno com vistas a diminuição do tamanho do pátio.

Figura 2 – Prédio da Escola Municipal Anton Dworsak.



Fonte: 2003. Fachada da Escola Municipal Anton Dworsak. Acervo SSAGP digitalizado pelo CEPEMHed.

A figura 2 representa o prédio construído pelos moradores para o funcionamento da escola no terreno que foi cedido pela Prefeitura Municipal de Duque de Caxias ao

Centro Pró-Melhoramentos. A fotografia foi feita em preto e branco de acordo com a tecnologia do período. A escola foi inaugurada em 15 de novembro de 1962. Anton Dworsak sofreu um acidente meses antes do fim da obra, vindo a falecer sem conhecer o produto do trabalho coletivo dos moradores/trabalhadores.

As fontes orais possibilitaram perceber que o envolvimento dos trabalhadores/moradores não se limitou à construção da instituição educativa, expandindo-se para a manutenção e funcionamento da instituição escolar. Santos (2014), em seu relato, indicou o trabalho sem remuneração de Dona Antonieta Rita dos Anjos que limpava a escola e preparava o lanche para as professoras. A entrevistada (2014) ainda relembra que “naquela época não havia cantina para fazer comida, hoje que a escola está uma beleza. Antigamente, não existia nada disso: lanche, merenda” (Santos, 2014, p. 05). Já a energia elétrica da escola foi instalada pelo trabalhador/morador Paulo de Almeida que era eletricista e sócio do Centro Pró-Melhoramentos (Santos, 2014).

Figura 3 – Membros do Centro Pró-Melhoramentos do Parque Felicidade durante a construção da Escola Municipal Vila Operária.



Fonte: Década de 1960. Fotografia dos membros do Centro Pró-Melhoramentos do Parque Felicidade durante a construção da Escola Municipal Vila Operária. Arquivo pessoal Cilene Salgado Silvino. Acervo digitalizado CEPEMHed.

O contexto de produção da imagem data da construção da Escola Municipal Vila Operária. Uma parte dos moradores/trabalhadores que faziam parte do CPMPF posaram para a fotografia em frente a sala que estava sendo construída para receber a instituição educativa. A população que ocupava o território da Vila Operária, de acordo com Ferreira (2010) era formada por migrantes do interior do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito

Santo e região nordeste. A autora (2010) ainda ressalta os constantes conflitos pelo direito à moradia, ao saneamento, à saúde, ao trabalho e à segurança empreendido pelos moradores/trabalhadores organizados no CPMPF.

Santos (2014) afirmou que a Aliança para o Progresso (ALPRO)¹¹ subsidiou o leite em pó, o bulgo e os cobertores para os filhos dos moradores/trabalhadores, estudantes da Escola Municipal Vila Operária e também, para as famílias que necessitavam de ajuda para subsistir. Além da doação de alimentos feita pela ALPRO, foi falado do surto de tuberculose e da intervenção feita por Tenório Cavalcanti nesse processo.

O corpo docente também foi subsidiado pelo Centro Pró-Melhoramentos nos primeiros dois anos de funcionamento da escola, e até o ano de 1966 em conjunto com o Movimento Popular de Alfabetização (MPA), conforme relata Santos (2014):

Como sempre, a Associação fazendo jus ao seu lema “Trabalho e Amor” procuraram fazer de imediato as matrículas dos primeiros alunos, tendo-se previamente [sic.] contratado às custas da Associação 6 professoras leigas – isto durante 2 anos. A seguir tomaram posse outras professoras, estas remuneradas pelo M.P.A. até a data de 31 de dezembro de 1966 (CEPEMHED, ano, p. v. 14.2)

As fontes escritas e orais não dispõem de informação sobre a forma como esses recursos eram captados. Pode-se identificar no entrecruzamento de documentos que, em 1967, o prédio foi doado à Prefeitura Municipal de Duque de Caxias em sistema de concordata pela associação. Esse documento comprova que a Escola Municipal Vila Operária foi construída e mantida pelo CPMPF nos seus primeiros anos de funcionamento. Cabe, ainda, esclarecer que Movimento Popular de Alfabetização (MPA) era a denominação da campanha de alfabetização instituída pela União Nacional dos Estudantes (UNE) no período do governo de João Goulart, a partir da concepção de Paulo Freire, que tinha tido uma experiência bem-sucedida com a alfabetização de adultos numa cidade do Nordeste brasileiro. De acordo com o relatório (2003) produzido pela escola, o Centro Pró-Melhoramentos contratou seis professoras sem formação profissional que tinham seus proventos pagos mediante a contribuição dos moradores.

¹¹John F. Kennedy (presidente dos Estados Unidos da América) lançou o programa de cooperação técnica e financeira no período de 1961 a 1969, para os países da América Latina chamado Aliança para o Progresso (ALPRO). A USAID (United States Agency for International) foi a maior promotora desse programa (NATIVIDADE, 2018, p. 20).

Ferreira (2010) aponta que havia uma proximidade grande entre o trabalhador/morador José de Jesus – que posteriormente se tornou vereador – com o poder público municipal, sobretudo com Tenório Cavalcanti, que apoiava a criação de um Parque Proletário no bairro Parque Felicidade com o objetivo de evitar a favelização que já se apresentava de maneira sutil, no período. Somente no ano de 1969, o Conselho Estadual de Educação realizou o reconhecimento da Escola Municipal Vila Operária por meio do registro nº 382 do Departamento de Educação Primária (DEP); e no ano de 1984, a Prefeitura Municipal de Duque de Caxias promulga a lei nº 601, que cria escolas municipais, entre elas a Escola Municipal Vila Operária e Anton Dworsak.

Antes do amparo legal e financeiro total por parte do poder público, as escolas destacadas acima, funcionavam pela iniciativa e o envolvimento dos trabalhadores/moradores em associações organizadoras da luta pelos direitos básicos de subsistência que arrecadavam recursos para a construção de instituições escolares que apenas na década de 1980, passaram a ser subsidiadas integralmente, e na forma legal pelo poder público. A interseção com outras fontes e com diferentes produções acadêmicas relacionadas ao tema corroboram com as questões analisadas sobre a luta pelo direito à educação pública em Duque de Caxias.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho empírico desenvolvido junto a duas escolas da rede municipal de Duque de Caxias permitiu destacar a relevância da História Oral como fonte de pesquisa para a história da educação do município. Ao registrar a luta pelo direito à educação, as especificidades da construção do prédio, o processo de arrecadação de materiais com os moradores, o recolhimento de provimentos, o envolvimento político dos trabalhadores/moradores que se organizavam para acionar o poder governamental na edificação de escola pública para os seus descendentes e a intervenção de órgãos internacionais, foi possível dar visibilidade a processos que não são divulgados ou salvaguardados na história oficial dessas escolas.

O uso da História Oral como fonte de pesquisa pode ser considerada uma escolha de classe, na medida em que ouve os esquecidos, registra suas experiências, confronta seus relatos com outras fontes de pesquisa como documentos oficiais e difunde o conhecimento construído a partir da contribuição daquelas pessoas cujas mãos “viraram

a massa da história” e construíram a educação da cidade. Pretendeu, sobretudo, proporcionar que vozes silenciadas de moradores/trabalhadores pudessem emergir, trazendo à superfície a organização dos trabalhadores em prol da luta por direitos, ainda na década de 1960, como um elemento constitutivo da Educação em Duque de Caxias.

Para além disso e igualmente importante, o CEPEMHed vem consolidando seu trabalho através do seu banco de História Oral e consequentemente, ampliando o acervo material da História da Educação da cidade de Duque de Caxias, História essa que vem sendo (re) contada a partir dessas fontes, consolidando esse Centro de Memória numa escola de educação patrimonial com um importante espaço de arquivo e a possibilidade de fornecer aos pesquisadores acesso a esse material. Como dito anteriormente, a cidade de Duque de Caxias não dispõe de um arquivo público sobre a História da Educação do município, nesta medida o CEPEMHed defende e evidencia através de seu acervo a necessidade desse espaço fundamental para a (re) construção da identidade local e de pertencimento de seus munícipes.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALBERTI, V. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CEPEMHed. História das instituições educativas, 2023. Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação. Disponível em: <https://centrodememoriadaeducacao.wordpress.com/pesquisas/historia-das-instituicoes-educativas/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

CEPEMHed. Núcleo de memória, 2023. Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação. Disponível em: <https://centrodememoriadaeducacao.wordpress.com/projetos/nucleo-de-memoria-das-instituicoes-educativas/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

CEPEMHed. Roda de memórias, 2023. Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação. Disponível em: <https://centrodememoriadaeducacao.wordpress.com/projetos/roda-de-memorias-historia-oral-da-educacao-depoimentos-em-video/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

COSTA, J. R. A. A história oral como fonte na história da educação. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v. 5, n. 11, p. 28080-28089, nov. 2019. Disponível em:

<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/5083>. Acesso em: jul. 2022.

DVORSAK, A. et al. **Anton Dvorsak, Danilo Dvorsak, Ferdinand Dvorsak e Peter Dvorsak**: depoimento [abril de 2022]. Entrevistadoras: Marcia Montilio Rufino, Márcia Spadetti Tuão e Professoras da Escola Municipal Anton Dworsak, Rio de Janeiro, Duque de Caxias, RJ: CEPEMHED. 1 compact disc e 1 disco digital de vídeo. Entrevista concedida para o Banco de História Oral do CEPEMHED.

FERREIRA, D. R. As relações de poder na memória da favela Vila Operária em Duque de Caxias no Rio de Janeiro (1964-1985). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA: ANPUH, 26., 2011, São Paulo. **Anais [...]**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: [http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300898441_ARQUIVO_AsRelacoesdePodernaMemoriadaFavelaVilaOperariaemDuquedeCaxiasnoRiodeJaneiro\(1964-1985\).pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300898441_ARQUIVO_AsRelacoesdePodernaMemoriadaFavelaVilaOperariaemDuquedeCaxiasnoRiodeJaneiro(1964-1985).pdf). Acesso em: 10 jul. 2022.

FERREIRA, D. R. História oral e história pública: Os caminhos para a posse da terra na favela Vila Operária. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**. Campinas, v. 22, n. 28, p. 23-30, jul./dez. 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/319971155_Historia_Oral_e_Historia_Publica_os_caminhos_para_a_posse_da_terra_na_Favela_Vila_Operaria. Acesso em: 11 jul. 2022.

FERREIRA, D. R. O partido comunista e a ditadura militar na favela Vila Operária em Duque de Caxias (1964-1985). In: ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH-RIO MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, 14., 2010, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276743509_ARQUIVO_DENIZERAMOS-ANPUH2010.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

MEIHY, José Carlos S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2002.

NACIF, L. Lugares da Memória da educação e da escola no Brasil. In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza *et al* (org.). **Vozes da Educação**: memórias, histórias e formação de professores. Petrópolis: DP et Ali; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008.

NATIVIDADE, M. de M. **A aliança para o progresso no Brasil**: influência estadunidense na educação e pesquisa para o campo (1961-1970). 2018. Tese (Doutorado em História) - Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/13487>. Acesso: 10 jul. 2022.

NEGRO, Antonio Luigi; SILVA, Sergio (org.). THOMPSON, E. P. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2001.

NUNES, Cristiane Dias *et al.* Núcleo de memória das instituições educativas: a Escola enquanto patrimônio histórico-educativo. In: ROCHA, Andre *et al.* (org.). **Cultura, política e território contemporâneo na Baixada Fluminense**. Duque de Caxias (RJ): ASAMIH, 2022. Disponível em: <https://rima.ufrj.br/jspui/handle/20.500.14407/5613>. Acesso em: 15 jul. 2022.

POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos: Memória**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

QUADRO, C. de; CASTANHA, A. P. História Oral e História da Educação: O que revelam as memórias de docentes e discentes. **Revista Faz Ciência**, [S. l.], v. 19, n. 30, p. 18-30, 2017. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/20562>. Acesso em: jul. 2022.

SANTANA, T. C. A. Trajetória do bairro Jardim Primavera: do sonho elitista à realidade popular. **Revista Geo-paisagem**, Rio de Janeiro, ano 09, n. 08, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.feth.ggf.br/Cintra.htm#:~:text=O%20atual%20bairro%20de%20Jardim,rural%20da%20região%20da%20cidade%20de%20Duque%20de%20Caxias>. Acesso em jun. 2023.

SANTOS, D. L. Djanira Lopes dos Santos: depoimento [abril 2014]. Entrevistadoras: Marcia Montilio Rufino e Professoras da Escola Municipal Vila Operária, Rio de Janeiro, Duque de Caxias, RJ: CEPEMHed. 1 compact disc e 1 disco digital de vídeo. Entrevista concedida para o Banco de História Oral do CEPEMHed. [2014].

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores, bem como no que se refere ao uso de imagens.